

Anônimo, obras da coleção Canções Populares do Brasil

A gentil Carolina

Editoração: Marcílio Lopes

Instituição: Biblioteca Nacional da França

Coletânea: Canções Populares do Brasil

Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10072119b/f1.item>

VOZ
(voice)

1 p.

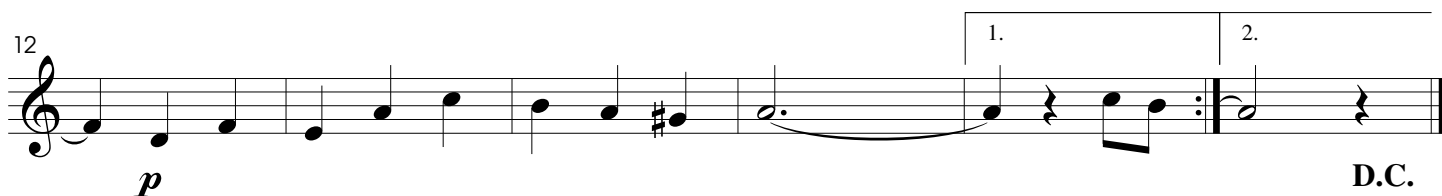
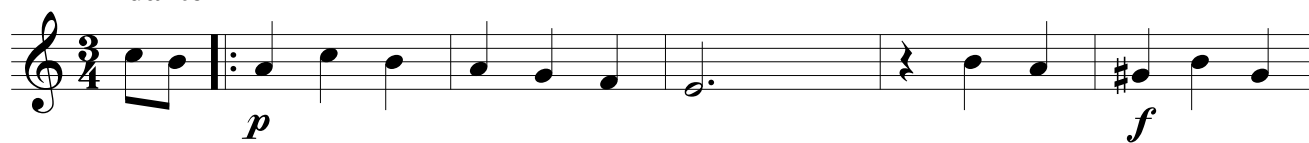


MUSICA BRASILIS

A gentil Carolina

Anônimo,
obras da coleção Canções Populares do Brasil

Andante



A gentil Carolina era bela
Como é bela nos campos a flor;
Em seu riso brilhava a inocência,
Em seus olhos o fogo de amor.

Aos encantos de lindo mancebo
Coração, alma e vida entregou;
Era d'ele e somente por ele
Que seu peito de amor se abrasou.

Meia noite no bronze da torre
Gravemente o silêncio cortou,
Pelos ares a brisa rolando
De eco em eco o zunido levou.

Carolina que as horas contava,
Meia noite! Murmura, e estremece:
Lança os olhos além da janela,
Branca Lua no céu aparece.

De improviso se ergue, abre a porta,
Sai de casa tremendo, medrosa;
Entre os vastos arbustos sozinha,
Move os passos, sutil, cautelosa.

Eis que indo a passar os canteiros
De repente, assustada, parou;
Um presságio sinistro de morte
À sua alma oprimida falou.

No jardim, entre o vasto arvoredo,
Branca sombra supõe ver além;
Quer fugir, mas falecem-lhe as forças,
Mão gelada seus passos detém.

Quer gritar, morre a voz em seu peito,
Nem sequer soltar pode um gemido;
Afinal, dando passos, tropeça
N'um cadáver no chão estendido!

Grito horrível lhe escapa do peito.
Nesse rosto que a morte embranquece,
Nesse corpo de sangue banhado
Carolina o amante conhece!

A aurora raiando mais tarde
Desse quadro de horror teve medo;
Dois amantes jaziam sem vida
No quintal, entre o vasto arvoredo.

E a gentil Carolina era bela
Como é bela nos campos a flor;
Em seu riso brilhava a inocência,
Em seus olhos o fogo de amor.